

A memória individual em “O Alienista” de Machado de Assis¹

Fábio Paes de Carvalho

Psicólogo, Licenciatura e Bacharelado em Psicologia - Universidade Estácio de Sá.
Aluno dos Cursos de Pós-Graduação *Lato Sensu*: “Literatura, Memória Cultural e Sociedade” -
IF Fluminense e “A Clínica Psicanalítica de Freud a Lacan” - Universidade Estácio de Sá
fabio.paescarvalho@gmail.com.

Resumo

Este trabalho visa lançar alguma luz sobre o livro *O Alienista*, de Machado de Assis, no que tange à questão da memória individual ou psicológica, tendo como personagem principal e objeto deste olhar Simão Bacamarte, médico recém-chegado da Europa trazendo em sua bagagem controversas verdades sobre a ciência e a medicina. Para discutir estas questões, utilizaremos o conceito de rememoração mediativa de Walter Benjamin, *in* Ecléa Bosi; o discurso do mestre, em Jacques Lacan trabalhado por Antonio Quinet e o sociólogo Maurice Halbwachs, na relação de memória social e memória individual. Por último, e não menos importante, a contribuição de Michel Foucault quanto à história da loucura e sua construção em instituições asilares.

Palavras-chave: Machado de Assis. Alienista. Memória Individual. Discurso do mestre.

Introdução

Este artigo consiste em trabalhar os aspectos da memória individual no livro *O Alienista*, de Joaquim Maria Machado de Assis, com a personagem central, Simão Bacamarte e discutir com os teóricos estudados aspectos significativos desse processo, dialogando com as áreas da psicologia, literatura, psicanálise, filosofia e sociologia, respectivamente Ecléa Bosi, David Myers, Machado de Assis, Jacques Lacan, Michel Foucault e Maurice Halbwachs. Expondo, assim, a possibilidade de diálogo entre diferentes, mas nem tanto, áreas do saber. Esta é muito incentivada no meio acadêmico, por ampliar a visão de todo objeto de estudo, especialmente na literatura, fonte inesgotável e alicerce de muitas áreas do saber.

¹ Instituto Federal Fluminense – *Campus* Centro. Curso De Pós-Graduação *Lato Sensu*: Literatura, Memória Cultural e Sociedade. Disciplina: Literatura e Memória - O Texto como Apropriação Cultural. Profª Vania Cristina Alexandrino Bernardo.

Desta forma, este artigo busca dialogar com essas áreas ampliando assim o leque de possibilidades e visões acerca do tema proposto, sem se limitar a uma ou a outra escola. A metodologia de pesquisa adotada teve como norte a pesquisa bibliográfica dos autores e linhas teóricas citadas acima e procura contribuir com um maior entendimento acerca do tema de memória individual ou psicológica.

Desenvolvimento

O objetivo deste artigo é trabalhar o conceito de memória individual ou psicológica com o conto *O Alienista*, de Machado de Assis, publicado entre 1881 e 1882. O livro *O Alienista* conta a história de um médico recém-chegado da Europa que com o consentimento e aprovação da Câmara da pequena cidade de Itaguaí inauguram um asilo de loucos chamado Casa Verde. Simão Bacamarte, em seguida, começa a recolher os supostos loucos da cidade até que quase toda população da pacata Itaguaí se vê internada no asilo, confrontando assim o saber médico do alienista.

O foco deste artigo consiste em trabalhar a personagem principal, Simão Bacamarte, com os conceitos de memória individual ou psicológica. David Myers (1999, p. 190) define memória como o arquivo da mente, o depósito de sua aprendizagem acumulada. Este processo se dá por uma série de fatores, sendo mais importante para o momento nos atermos à codificação, ou seja, a entrada da informação, seu armazenamento, e a recuperação da memória. “A lembrança de um evento exige não apenas a entrada (codificação) e a retenção (armazenamento), mas também a saída. A recuperação é ajudada por indicações associadas com o evento, inclusive as do contexto em que o codificamos” (MEYERS, 1999, p.204).

Esses aspectos apontados inicialmente acerca da memória suscitam uma importante reflexão crítica e curiosa sobre a memória psicológica de nosso alienista, como um homem da ciência, fruto de seus estudos e aprendizado, e de sua capacidade seletiva e modo de organização de seu pensamento acerca de tema tão delicado e sutil como a loucura.

Faz-se importante destacar algumas questões do livro referentes a temas históricos e pontuais como a loucura, o hospital psiquiátrico, a ciência, a medicina e seus discursos. Pontos estes que marcam todo um processo de memória social e coletiva. Entretanto, por meio da análise

da personagem, é possível fazer um adendo sobre a história do sujeito, sua memória individual, seus valores, sua rememoração, “fazendo da memória um apoio sólido da vontade, matriz de projetos” (BOSI, 2003, p. 33).

Bosi (*op. cit.*) retoma Walter Benjamin quando este fala do processo de rememoração mediativa quanto aos profetas do Antigo Testamento, dizendo:

Isto só é possível quando o historiador provoca um rasgo no discurso bem costurado e engomado do historicismo e ‘se detém bruscamente numa constelação saturada de tensões’. Não o faz para registrar pormenores da mentalidade da época; é uma escolha que tem a ver com o sujeito definido pela ipseidade e não pela semelhança pelos outros, pela mesmidade. Um sujeito que tomou a palavra ou agiu, ‘causa de si mesmo’ e decidiu eticamente criando um tempo privilegiado, um tempo forte dentro do correr plano dos dias (BOSI, 2003, p. 33).

Esse sujeito, responsável pelos seus atos e definido por um princípio de individuação, é analisado por meio de seu discurso, sua fala. Traçar um perfil psicológico de Simão Bacamarte é, primeiramente, analisar seu discurso prepotente, autoritário e todo-poderoso, antes de se fazer um diagnóstico psicológico ou estrutural. É necessário apenas apontar que o discurso de Simão Bacamarte é o discurso da ciência, da medicina, retratado na seguinte fala de sua personagem:

Meus senhores, a ciência é coisa séria, e merece ser tratada com seriedade. Não dou razão dos meus atos de alienista a ninguém, salvo aos mestres e a Deus. Se quereis emendar a administração da Casa Verde, estou pronto a ouvir-vos; mas, se exigis que me negue a mim mesmo, não ganhareis nada. Poderia convidar alguns de vós em comissão dos outros a vir ver comigo os loucos reclusos; mas não o faço, porque seria dar-vos razão do meu sistema, o que não farei a leigos e rebeldes (MACHADO DE ASSIS, *op.cit.*, p.45).

Este discurso no qual Simão Bacamarte, como alienista, só diz dar razão aos mestres e a Deus, pode ser entendido como o “Discurso do Mestre” elaborado pelo psicanalista francês Jacques Lacan, em forma de matema:

$$\begin{array}{c} \underline{S1} - \underline{S2} \\ \$ \quad a \end{array}$$

O significante mestre é atribuído por Lacan (LACAN, 1992) ao S1, representado acima no matema. O significante mestre (S1) se dirige ao S2, como verdade, saber, conhecimento. O \$ simboliza o sujeito dividido, barrado, incompleto. E o *a* ou *objeto pequeno a*, significa a falta, o

buraco, o vazio, a castração ou o objeto causa de desejo. Para elucidar as posições do matema, considere o esquema abaixo:

<u>[o agente]</u>	<u>[o outro]</u>
[a verdade]	[a produção]

O agente é o S1, ou seja, o Discurso do Mestre (discurso de Simão Bacamarte), que, dotado de seu conhecimento médico e científico (S2), se dirige a este saber, não considerando prestar contas ou justificativas a ninguém a não ser aos mestres e a Deus. Esse outro, por não ser alguém, outro sujeito, e sim seu conhecimento, faz com que no desenrolar do texto de Machado, Simão Bacamarte seja incompreendido e visto como equivocado. A [produção] desse esquema, resultar-se-á no *a*, objeto perdido, faltante; sendo [a verdade], única do sujeito, e barrada (\$) (por estar embaixo da barra do agente S1) o próprio Simão Bacamarte. Esse Mestre não se sustenta porque não se dirige a um outro sujeito, mas ao seu próprio discurso (cientificista) e não produz uma verdade (seu conhecimento), mas uma falta.

Lacan identifica esse Discurso do Mestre ao discurso do próprio inconsciente que é uma cadeia de significantes de cuja existência só tomamos conhecimento por meio de suas formações (...). Essas formações do inconsciente “falam” sobre a verdade do sujeito do desejo – na qual há formação do inconsciente, há um efeito de sujeito (QUINET, 2002, p. 80).

Voltando à questão da memória individual ou psicológica, o sociólogo Maurice Halbwachs (2006) demonstra a ligação entre memória coletiva e memória individual. A memória individual não pode ser isolada da memória coletiva. Por mais que se faça um “rasgo no discurso do historicismo”, como nos propõe Walter Benjamin e Ecléa Bosi (2003), as questões que estavam acontecendo na Europa naquele momento não ficam anuladas.

A memória individual, construída a partir das referências e lembranças próprias do grupo, refere-se, portanto, a ‘um ponto de vista sobre a memória coletiva’. Olhar este, que deve sempre ser analisado considerando-se o lugar ocupado pelo sujeito no interior do grupo e das relações mantidas com outros meios (HALBWACHS, 2004, p. 55).

O sujeito nunca está sozinho com seu discurso, pois este é, então, construído socialmente pelo grupo ou influenciado pela época. O livro de Machado de Assis foi escrito numa época em

que a psiquiatria ainda fazia muitas experimentações, o primeiro hospital psiquiátrico do Brasil tinha sido fundado há pouco tempo. Michel Foucault faz um relato bem vasto destes acontecimentos em seu livro *A história da loucura na idade clássica*. A psiquiatria daquela época era cheia de certezas, como Simão Bacamarte. Assim, Foucault coloca em xeque todo o saber da loucura, o manicômio, a alienação, refletindo sobre o início dos asilos, a suposta loucura existente, o normal e o patológico e as certezas do discurso médico. “Nunca se tem certeza de não estar sonhando, nunca existe uma certeza de não estar louco” (FOUCAULT, 1972, p. 47).

Simão Bacamarte, personagem ou não da ficção machadiana, por mais imerso que estivesse no *zeitgeist* da alienação da época, é ainda sujeito de sua memória psicológica ou individual. A memória individual por mais laços que tenha com a memória social é aquela capaz de falar da relação do sujeito consigo mesmo e também refletindo os ideais de um grupo, uma instituição, um povo, confirmando assim o ponto entre os dois tipos de memória apontados por Halbwachs (2004).

Considerações finais

A obra abordada de Machado de Assis permite levar-se em consideração diversos aspectos sociais e psicológicos, possibilitando assim, mesmo como uma obra literária de ficção, ser estudada por diversas áreas de conhecimento como a Psicanálise, as Ciências Sociais, a Antropologia, a Filosofia, a Literatura e inclusive a própria Medicina, dentre outras áreas tanto de saúde, como de humanas.

A leitura da obra pode ser entendida em vários aspectos, sob diversos ângulos, mas difícil negar os ingredientes na medida certa colocados pelo autor de uma visão política, humanista, literária, social, psicológica e crítica, sem deixar de ser leve e ter o ritmo que um conto deve ter.

A memória individual ou psicológica trabalhada pelos autores esclarece e ajuda a entender, sem, contudo se precipitar a responder a famosa pergunta: “para que serve a literatura?” e refletir sobre o assunto.

Referências

BOSI, Ecléa. A substância social da memória. *In: O tempo vivo da memória: ensaios de psicologia social.* São Paulo: Ateliê Editorial, 2003. p. 13-57.

CARVALHAL, Juliana Pinto. Maurice Halbwachs e a questão da Memória. *Revista Espaço Acadêmico*, Juiz de Fora, v.5, n. 56, 2006.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva.* São Paulo: Centauro, 2004.

FOUCAULT, Michel. *História da loucura na idade clássica.* 6.ed. São Paulo: Perspectiva, 2002.

LACAN, Jacques. *O Seminário: livro 17: o avesso da psicanálise.* Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1992.

MACHADO DE ASSIS, Joaquim Maria. *O alienista (1881/82).* São Paulo: Martin Claret, 2003.

MYERS, David G. Memória. *In: Introdução à psicologia geral.* 5.ed. Rio de Janeiro: LTC, 1999. p. 190-215.

QUINET, Antonio. *As 4 + 1 condições da análise.* 9.ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.